

# Alteração das estruturas familiares

**BÁRBARA BÄCKSTRÖM**

PROFESSORA AUXILIAR DO DCSG E INVESTIGADORA DO CEMRI | UNIVERSIDADE ABERTA

As famílias portuguesas estão em mudança num país onde a natalidade diminuiu em 2017. O Diário de Notícias destacava numa notícia, a 10 de janeiro de 2018, que nasceram menos sete crianças por dia em 2017. No mesmo ano, a mortalidade foi superior aos nascimentos, havendo mais 24 mil mortes do que nascimentos, o maior saldo negativo desde 2000. A população portuguesa está a encolher, com uma taxa de natalidade de 4,8 por mil habitantes e um índice de fertilidade de 1,3. Os imigrantes poderiam ser parte da solução. Portugal precisa de mais imigrantes para não encolher e, se fechasse as portas à imigração, o País perderia 2,6 milhões de pessoas até 2060. Como afirma Maria Filomena Mendes, à Renascença, há uma redução da dimensão familiar, temos famílias com cada vez menos filhos. De acordo com a demógrafa, as famílias portuguesas não estão em crise mas sim em mudança, num país em que os níveis de fecundidade são afetados pelas condições económicas e pelo aumento da esperança média de vida. A precariedade laboral, a crise e o aumento da esperança média de vida são algumas das causas dessa diminuição do número de filhos.

A Fundação Francisco Manuel dos Santos lançou, por ocasião do Dia Mundial da População, em 2017, uma infografia com as principais estatísticas sobre a população portuguesa, onde se lê que o número de famílias monoparentais quase duplicou nos últimos 14 anos (6%, em 1992; 11%, em 2016) e mais de metade dos filhos nascem fora do casamento (53%).

De acordo com o Pordata, em 2016 a dimensão média dos agregados familiares era composta de 2,5 indivíduos contra 3,3 em 1983. Relativamente às pessoas que vivem sozinhas, em 2016 eram 885.000 os idosos com mais de 65 anos a viverem sozinhos.

A percentagem de mães com filhos no total dos agregados familiares em que só um dos pais vive com os filhos era de 86,9 %. No entanto, o casal (com e sem filhos) continua a ser a forma predominante de organização da vida familiar (62% das famílias em 1960 e 59% em 2011). Nos últimos 50 anos, assistiu-se ao aumento do peso relativo dos casais sem filhos (de 15% em 1960, para 24% em 2011), dos núcleos familiares monoparentais (de 6% em 1960, para 9% em 2011) e das pessoas que vivem sós (de 12% em 1960, para 20% em 2011) e à diminuição do peso das famílias complexas (de 15% em 1960, para 9% em 2011). Verifica-se o aumento de mais casais sem filhos, mais uniões de facto e mais processos de recomposição familiar, acentua-se a tendência para o filho único. O aumento do número de divórcios de casais residentes em território nacional, que se vinha a verificar desde 2006, foi interrompido a partir de 2011, passando a uma diminuição até 2015, ano em que regista um aumento, para voltar a descer em 2016, de acordo com as estatísticas demográficas de 2016 do Instituto Nacional de Estatística.

De acordo com os dados dos últimos Censos de 2011, 21,4 % dos agregados familiares são pessoas que moram sozinhas; trata-se de uma das principais tendências de mudança das estruturas familiares nas sociedades contemporâneas. A maioria tem 65 ou mais anos (46,9%, em 2011), resultado do aumento da esperança média de vida no último século.

Este aumento da esperança de vida exige políticas públicas de apoio, o que implica uma reestruturação nas diferentes dimensões da educação, do trabalho e da reforma. Um estudo da revista *Lancet* refere que se, por um lado, é certo que os ganhos em longevidade se ficam a dever às melhorias do estatuto económico e do capital social, também se devem ao crescente acesso aos cuidados de saúde primários e secundários, bem como às novas tecnologias médicas e à diminuição das desigualdades em saúde. Por outro lado, o desafio colocado pela maior longevidade da população exigirá alterações profundas nos sistemas de segurança social e o sistema de pensões, e implicam mais despesa, aumentando a pressão financeira. O envelhecimento demográfico expresso através do aumento da esperança de vida exige políticas públicas de apoio a um envelhecimento ativo e saudável, o que implica uma reestruturação radical do processo de educação, trabalho, reforma, assim como o investimento em saúde, cuidados sociais e mobilidade.

No *Expresso (online)*, de 5 de fevereiro de 2018, afirma-se que a agência de notação financeira Moody's alerta que o crescimento da população com 65 ou mais anos trará desafios aos serviços públicos de saúde e de segurança social. A pressão que exerce sobre as contas públicas traz desafios que podem prejudicar a avaliação do *rating* de Portugal, alertou esta agência.

Uma das soluções para combater o envelhecimento populacional é o incentivo à natalidade através do aumento do abono de família, aumento da licença de parto, aumento de subsídios de nascimento, e maior apoio da legislação laboral às futuras mães. Outra das soluções é, e como já foi referido, a questão do aumento populacional, a necessidade de mais imigrantes. Com isso ganhava a economia e a segurança social. Maria Teresa Garcia, no estudo "Migrações e sustentabilidade

demográfica" (Peixoto *et al.*, 2017), conclui que as estimativas do impacto da entrada de migrantes no balanço do sistema de pensões de velhice do sistema previdencial da segurança social apontam para efeitos positivos significativos, embora insuficientes para tornar a conta favorável, uma vez que esta se mantém sistematicamente negativa, entre 2015 e 2060, e defende que sejam tomadas medidas sobretudo para incentivar a natalidade. Os vários cenários traçados têm por base o aumento da esperança de vida até 2060, de 83,7 para 89,9 anos nas mulheres e de 77,7 para 84,2 nos homens, e uma ligeira melhoria no número de filhos por mulher em idade fértil, para 1,55, mas que não chega para a substituição das gerações. E, mesmo com milhares de imigrantes, sem milhares de nascimentos, a população portuguesa continuará a ser muito envelhecida. No capítulo sobre migrações de substituição e segurança social, a autora refere que a evolução da demografia e a dinâmica da economia apontam para uma necessidade crescente de migrantes nas próximas décadas. O facto de o saldo migratório ser positivo tem também impacto na sustentabilidade financeira dos sistemas previdenciais de segurança social. As estimativas apresentadas confirmam que a entrada de migrantes apresenta um contributo positivo para a economia e contribui para o equilíbrio financeiro do sistema de pensões de velhice. Conclui-se que a imigração tem um efeito positivo na dimensão financeira do sistema de pensões de velhice do sistema previdencial de segurança social.

Portugal precisa de imigrantes quer para as questões das estruturas familiares e natalidade, quer para os efeitos do envelhecimento demográfico no sistema de segurança social.

É importante, também, atrair os emigrantes que saíram de Portugal, desde a década de 60 e na vaga do século XXI, com os efeitos da crise económica. Para além da entrada de imigrantes e o regresso dos emigrantes, devem-se desenhar políticas de incentivo à natalidade. ><

## BIBLIOGRAFIA

"Em 2015-16 recuperaram-se bebés adiados pela crise", notícia do jornal Diário de Notícias (*online*) de 10/01/2018, disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/em-2015-16-recuperaram-se-bebes-adiados-pela-crise-9035577.html>

"Nasceram menos crianças por dia em 2017", notícia do jornal Diário de Notícias (*online*) de 10/01/2018, disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/nasceram-menos-sete-criancas-por-dia-em-2017-9035566.html>

"A família não está em crise. Está em mudança", disponível em [http://rr.sapo.pt/noticia/88509/a\\_familia\\_ao\\_esta\\_em\\_crise\\_esta\\_em\\_mudanca](http://rr.sapo.pt/noticia/88509/a_familia_ao_esta_em_crise_esta_em_mudanca)

Quem somos, como vivemos, Infografia, Fundação Francisco Manuel dos Santos, disponível em <https://ffms.pt/FileDownload/3d7d7c9d-b1fe-4293-98e0-028835e2f5cd/infografia-quem-somos-como-vivemos-dia-mundial-da-populacao-2017>

"Moody's diz que envelhecimento da população pode pesar no *rating*", disponível em <http://expresso.sapo.pt/economia/2018-02-05-Moodys-diz-que-envelhecimento-da-populacao-pode-pegar-no-rating>

Garcia, M.T., in Peixoto, J., *et al.* (org.), "Migrações e sustentabilidade demográfica: Perspetivas de evolução da sociedade e economia portuguesas", Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.

Kontis, Vasilis *et al.* "Future life expectancy in 35 industrialised countries: projections with a Bayesian model ensemble". The Lancet , Volume 389 , Issue 10076 , 1323-1335.

Pordata.pt 2017, Famílias (*online*), disponível em <https://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Fam%C3%ADlias-29>

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2017), Estatísticas Demográficas 2016, Instituto Nacional de Estatística: Lisboa.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2013), Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança, Destaque – Informação à comunicação social, Instituto Nacional de Estatística: Lisboa.